

*Tradução & Comunicação*

Revista Brasileira de Tradutores

Nº. 26, Ano 2013

**Amanda Cordeiro da Silva**

*Universidade Estadual de Campinas  
Unicamp*

mandinhacordeiro@gmail.com

## AS AVENTURAS DE TINTIM EM TRADUÇÃO

***Conversando sobre adaptação com Eduardo Brandão***

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Entrevista  
Recebido em: 01/12/2013  
Avaliado em: 10/12/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

## Apresentação

Eduardo Brandão nasceu no Rio de Janeiro, em 1946, e dedica-se à tradução desde o início dos anos 1970. Depois de quase uma década e meia na França onde sobrevivera fazendo traduções técnicas e comerciais, retornou ao Brasil em 1986, voltando a se dedicar à tradução de obras literárias e de ciências humanas. Ultimamente, Eduardo tem traduzido, sobretudo, literatura espanhola e hispano-americana (as obras de [Roberto] Bolaño e Javier Marías, entre outros). No campo das humanidades, está terminando a tradução dos Cursos dados por Michel Foucault no Collège de France. Sua agenda em 2013 também incluiu a tradução de alguns novos romancistas italianos.

Brandão não concluiu a formação acadêmica. A isso, preferiu estudar línguas e se tornou tradutor por duas razões. Uma, sua paixão desde criança pelas línguas estrangeiras; daí a querer que os outros tivessem acesso a elas foi um passo. A outra, um motivo familiar: alguns tradutores na família, sua mãe, o irmão dela e pai dos dois, seu avô. Este, que teve uma pequena editora, passou a Eduardo as primeiras traduções. E nunca mais as largou.

Assim como eu, na juventude, não sabia se devia fazer Letras ou Jornalismo. Em 1966, bem na época das grandes enchentes e desmoronamentos no Rio, Eduardo foi ser foca no *Correio de Manhã*, onde trabalhou por mais ou menos dois anos. Com a censura do regime militar, foi para a Europa. Por lá, pôde fazer “uma espécie de jornalismo alternativo”, como ele mesmo descreveu. Mas gostava mesmo é de traduzir. Segundo ele, a leitura de Flaubert, *A educação sentimental*, ajudou-o a decidir definitivamente pelo ofício de traduzir, e guarda com carinho esta citação do livro: “Há homens que não tem outra missão entre os outros que a de servir de intermediário; a gente os atravessa, como uma ponte, e vai mais longe.” E completou dizendo: “A tradução e o tradutor são uma ponte assim, cruzando o rio que separa as línguas, as culturas. O leitor as atravessa para ir mais longe, em sua busca de horizontes mais amplos. Resolvi me tornar uma dessas pontes”.

Eduardo também traduziu os álbuns d’*As Aventuras de Tintim* para a Companhia das Letras em 2005. Tive a oportunidade de entrevistá-lo, e ele conta um pouco como foi a realização desse trabalho, em especial a tradução de *O Segredo do Licorne*, décimo primeiro álbum de Hergé.

## Entrevista

**Tradução & Comunicação (T&C):** Você teve autonomia para traduzir os quadrinhos? Havia alguma regra a ser seguida, um “briefing” definido pela editora, talvez?

**Eduardo Brandão (EB):** A Companhia das Letras sempre me deu autonomia nas traduções. No entanto, a Fundação Hergé, detentora dos direitos, faz uma exigência que condiciona o trabalho do tradutor: não se pode alterar o desenho original. Ora, como o balão das falas do personagem e aquelas “caixinhas” (não lembro o nome exato) com as legendas do narrador fazem parte do desenho, a dimensão delas não pode ser alterada. Isso significa que tive de encaixar as falas no balão original. Muitas vezes, portanto, foi preciso comprimir o texto que eu normalmente escreveria, ser sempre o mais sintético possível.

**Tradução & Comunicação (T&C):** Eu percebi que há um léxico bem diferente das palavras que se usa atualmente, principalmente interjeições, como “papagaio louro”, “pílulas”, “pipocas”; “patifes”, “larápio”, “redingote”, entre outras tantas expressões. Algumas eu já ouvi e creio que foram ouvidas nas conversas de meus pais, tios e avós. Essas expressões eram as mais correntes na época em que traduziu? Nunca houve intenção de a editora rever e adaptá-las?

**Eduardo Brandão (EB):** O léxico do original francês também está bem distante do que se fala hoje, principalmente quanto a gírias e expressões. Afinal, Tintim e suas histórias já têm três quartos de século de existência! E não só o léxico é “antiquado”, todo o cenário o é: carros, aviões, navios, contexto histórico (colonialismo belga, p.ex.). E os próprios personagens, com suas roupas, usos, até as caras me parecem meio datadas... Sem falar nas representações do outro, do estrangeiro, como os árabes, os sul-americanos, os africanos, carregadas de racismo e do sentimento de superioridade cristão e europeu. Acrescente-se um detalhe: muitas das imprecisões do capitão [Haddock] não só soam antiquadas para o leitor hodierno, como sempre soaram fora do diapasão na própria época em que foram escritas: é o caso das que foram forjadas por Hergé, algumas das quais acabaram incorporadas ao francês falado até hoje, p.ex., *bachi-bouzouk*, que Hergé importou do turco (designa um cavaleiro irregular do exército turco-otomano) e que, no vozeirão do capitão, vira um impropério tremendo. (Não lembro como traduzi.) Em textos “de época”, sempre procuro uma terminologia próxima à dessa época. Numa recente tradução de Balzac, p.ex., tratei de usar termos e expressões datando, no máximo, do Oitocentos.

**Tradução & Comunicação (T&C):** Também percebo que, no geral, você optou por manter-se fiel ao contexto do álbum em francês, usando muitos elementos da cultura franco-belga, como a moeda (franco), p. ex., a ordem das frases em francês foram muitas

vezes mantidas na tradução em português. Em algum momento você se baseou em alguma teoria de tradução para justificar sua escolha, ou foi um processo intuitivo?

**Eduardo Brandão (EB):** O tradutor deve fidelidade ao autor, também ao contexto cultural em que a obra foi escrita, devendo obedecer, como já disse, até onde possível, às características da época (linguagem etc.). Na verdade, quem usou os elementos da cultura franco-belga foi o autor, não o tradutor. Nunca baseei nenhum trabalho meu em nenhum tipo de teoria, nem vejo como e por que fazê-lo. Não creio tampouco que uma tradução possa ser propriamente intuitiva. A intuição é um processo, por definição, independente de um processo racional, em senso lato (“Fil. Forma de conhecimento imediato, independente de qualquer processo de raciocínio”, Aulete). A tradução, ao contrário, pressupõe fatores do domínio típico da razão, como o conhecimento da língua de que se traduz, do contexto cultural, para tomar sua expressão, em que essa língua é usada, de informações históricas diversas etc. Tomemos a língua: a última coisa que um tradutor pode fazer é intuir o que significa tal palavra ou expressão, ou tal contexto, ele tem de sabê-los ou, se não sabe, descobri-los: leitura, dicionários, enciclopédias, fóruns, pessoas com conhecimento de determinado assunto, se for o caso, etc. Sob este último aspecto, p. ex., pedi socorro a um engenheiro do Instituto Nacional de Pesquisas Aeroespaciais para traduzir certos termos astronáuticos das aventuras espaciais do Tintim. Quanto à ordem das frases, ocorre que ela é bastante parecida em francês e em português.

**Tradução & Comunicação (TC):** Você se lembra de como foi o processo de tradução do nome das personagens? Por exemplo, o pirata Rackham teve a alcunha “le Rouge”, do francês, traduzida como “o Terrível”; ela foi dada dessa forma pela Fundação ou pela editora, ou você seguiu o que já estava em voga através do desenho animado, exibido nos anos 1990 pela TV Cultura, em que também é chamado de “Rackham, o Terrível”?

**Eduardo Brandão (EB):** Mantivemos, a editora e eu, os nomes como os personagens já eram conhecidos, desde que se lançou a primeira versão brasileira do Tintim, que era uma adaptação da tradução portuguesa. Creio, aliás, que era uma adaptação somente ortográfica e de algumas características do português de Portugal. Adianto que não cotejei com a tradução portuguesa.

**Tradução & Comunicação (TC):** Levando em consideração sua escolha por trazer ao álbum traduzido um léxico que remetesse a uma linguagem antiga ou “antiquada”, devido ao contexto e à produção datada de Hergé, como você fez essa pesquisa lexicográfica? De quais recursos dispôs?

**Eduardo Brandão (EB):** Basicamente, os de sempre: a memória e os dicionários. Se disse que utilizei uma linguagem antiquada, me expressei mal. A linguagem é a mesma de hoje. Mais ou menos antiquadas são algumas expressões – “com mil trovões”, “véspera”, “papagaio” –, outras que poderia qualificar de inusuais ou bizarras, como os xingamentos do capitão, disparatados também no original – “arredem, tatuís!”, “mandiocas! aletrias! filoxeras! piróforos!”... (Licorne), engraçadas justamente por efeito desse seu caráter. Note que alguns dos xingamentos do capitão são traduzidos literalmente, outros não, por não haver correspondente exato na nossa língua.

**Tradução & Comunicação (TC):** Você mencionou em uma de suas respostas anteriores que o tradutor deve fidelidade ao autor e ao contexto original da obra, e esse pensamento em si já fundamenta uma das teorias elementares para os Estudos da Tradução. Por outro lado, há outros estudiosos que pensam de forma diferente e defendem uma tradução partindo de outro referencial, como a língua e a cultura alvo. Como você assimilou o conceito de fidelidade ao seu modo de traduzir? E, sendo assim, você se considera um tradutor fiel? De que forma podemos evidenciar essa fidelidade no seu trabalho?

**Eduardo Brandão (EB):** A única forma de avaliar a fidelidade ou não de uma tradução é cotejá-la com o original. Não vejo outra. Quando falei da fidelidade ao autor e ao contexto, estava me referindo, naturalmente, à tradução de romances em geral. A fidelidade, no entanto, não exclui em absoluto os referenciais por v. citado. Não há como escapar do referencial da língua para a qual o tradutor verte, é evidente. Do mesmo modo quanto ao público alvo: a linguagem para o público infantil, p.ex., é evidentemente diferente da empregada para o público adulto, como já costuma acontecer no original. Idem quanto ao público juvenil. Muitos trabalhos que faço para o público infanto-juvenil, sobretudo o primeiro, são mais adaptações do que traduções, e como tal – adaptação – costuma ser apresentado.

## LIVROS TRADUZIDOS (PEQUENA SELEÇÃO)

Eduardo Brandão traduziu, pela Companhia das Letras, quase toda a obra do escritor mexicano Roberto Bolaño:

*Noturno do Chile* (2004)

*Os detetives selvagens* (2006)

*A pista de gelo* (2007)

*Amuleto* (2008)

*Putas assassinas* (2008)

2066 (2010)  
*O Terceiro Reich* (2011)  
*Monsieur Pain* (2011)  
*Chamadas telefônicas* (2012)  
*As agruras do verdadeiro tira* (2013).

Traduziu, toda a coleção d' *As aventuras de Tintim*, de Hergé, pela Companhia das Letras:

*O segredo do Licorne, O tesouro de Rackham, o Terrível, Tintim e os Pícaros, Tintim no país dos soviets, Tintim e a Alfa-Arte, Tintim na América, Tintim no Congo, As joias da Castafiore, As sete bolas de cristal, Tintim no país do ouro negro, O templo do Sol, O cetro de Ottokar, O caranguejo das pinças de ouro, O ídolo roubado, O Lótus Azul, Os charutos do faraó, A ilha negra...*

Mais recentemente traduziu, também pela Companhia das Letras:

*A casa do silêncio e Meu nome é vermelho*, de Orhan Pamuk (2013)  
*O Coronel Chabert*, de Honoré de Balzac (2013)  
*Minhas histórias de Andersen*, de Andrew Matthews (2013)  
*Os enamoramentos*, de Javier Marías (2012)  
*A casa dos naufragos*, de Guillermo Rosales (2011)  
*A lebre da Patagônia*, de Claude Lanzmann (2011), com Dorothée de Bruchard  
*Do contrato social ou princípios do direito político*, de Jean-Jacques Rousseau (2011)  
*A ninfa inconstante*, de Guillermo Cabrera Infante (2011)

Grande número de livros de literatura infantil e infanto-juvenil:

*Aninha a pestinha*, de Juliet Claire Mickelburgh (2013)  
*Cadê o meu penico?* de Mij Keççy (2012)  
*O ogro da Rússia*, de Victor Hugo (2012)  
*Noah foge de casa*, de John Boyne (2011)  
*Histórias e versos das estações do ano*, vários autores (2011)  
*O Natal do carteiro*, de Allan Ahlberg (2010)

---

**Amanda Cordeiro da Silva**

Graduada em Letras-Português, habilitada em Licenciatura pelo Departamento de Linguística Aplicada - DLA, no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp.